



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



Apresentação do dossiê

Reconfigurações do campo cinematográfico nos anos 2010

Editoras(es) convidadas(os)

Daniela Giovana Siqueira

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora dos Cursos de Audiovisual e Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande (MS). Brasil.

E-mail: daniela.siqueira@ufms.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4292-7937>

Júlio Bezerra

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Realizou pesquisas de pós-doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Columbia University. Professor dos Cursos de Jornalismo e de Audiovisual e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande (MS). Brasil.

E-mail: julioCarlosbezerra@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5163-0083>

Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Realizou pós-doutorado em Música pela UNIRIO e pela UFRJ. Atualmente faz pós-doutorado em Comunicação na Universidade de São Paulo (USP). São Paulo (SP). Brasil.

E-mail: luizabeatriz@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4816-6790>

Marcelo Gil Ikeda

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua também como realizador, crítico e curador de cinema. Fortaleza (CE). Brasil.

E-mail: marcelogilikeda@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8272-2338>



Este dossiê foi pensado como uma homenagem aos dez anos da revista Rebeca, cujo primeiro número foi publicado em 2012 e continha um dossiê sobre o cinema contemporâneo da primeira década dos anos 2000. Assim, pensou-se em replicar esse primeiro número, porém, agora, dedicado à década de 2010 e às reconfigurações ocorridas nesse período no campo cinematográfico no Brasil e no mundo, em suas interações com a teoria, a estética, a política, a produção audiovisual por novos sujeitos, sua circulação e recepção, entre outras dimensões. Uma missão, convenhamos, impossível – embora sempre necessária.

Ao todo, recebemos 21 artigos. Chamou-nos a atenção a baixa proporção de autoria feminina entre as submissões, a recorrência de análises de determinados filmes brasileiros com grande repercussão nos festivais e em trabalhos acadêmicos, a pouca investida em balanços para além do Brasil, e o reduzido volume ou ausência de temas que havíamos sugerido, como os cinemas negros e o cinema indígena, bem como sobre a preservação e a distribuição cinematográficas. Não temos como extrair conclusões mais amplas a respeito desta amostra inicial, nem mesmo se ela pode ser vista como um indicativo da pesquisa no Brasil. Afinal, a Rebeca é apenas uma entre diversas outras revistas acadêmicas e outros espaços disponíveis para publicação – ademais, uma chamada de textos para um dossiê de revista encontra os pesquisadores e as pesquisadoras em etapas diversas de sua produção de textos e desenvolvimento de seus respectivos projetos.

O dossiê, ainda assim, reúne um conjunto de nove artigos que fazem o balanço geral possível. Eles atravessam temas como: os cinemas de gênero (horror e ficção científica), os tensionamentos no fazer documentário no Brasil e no mundo, a estética de filmes brasileiros importantes no período (grande parte versando sobre grupos pouco representados ou tensionando sua forma de representação), a descentralização ocorrida na década quanto à produção de filmes nos estados brasileiros e ao ensino de cinema no Brasil, o estado da crítica cinematográfica em meio ao mundo digital, e o estado das políticas públicas no Brasil na década e seus resultados. Desse modo, a seleção de artigos também oferece outras abordagens teórico-metodológicas para compreender o campo cinematográfico da década de 2010 para além da análise estética e de suas interfaces sociopolíticas a partir de filmes específicos.

Dois artigos analisam a presença de outros regimes de espetacularidade no cinema contemporâneo a partir de filmes do cinema internacional. Em *Leviathan e a etnografia sensorial*, Lucas Murari analisa a contribuição do Sensory Ethnography Lab (Laboratório de Etnografia Sensorial), da Universidade de Harvard, no desenvolvimento de outros regimes de sensorialidade, provocando um entrecruzamento entre características do filme etnográfico, do documentário observativo, e do cinema de



vanguarda. Já Rodrigo Carreiro e Laura Cánepa, em *Insegurança perceptual e multissensorialidade no horror nórdico contemporâneo*, investigam um conjunto de procedimentos do cinema contemporâneo ligados à criação de atmosferas sensoriais contemplativas, a partir do exame de três filmes nórdicos do gênero horror.

Outros três artigos baseiam-se no exame de características estéticas do cinema brasileiro da década de 2010 na abordagem de questões sociopolíticas. Arthur Lins, em *A (re)invenção do cinema brasileiro em seu diálogo com o gênero de ficção científica*, utiliza outro gênero cinematográfico – a ficção científica – para abordar como certo cinema brasileiro dos anos 2010 operou a partir de um desejo de fabulação do real e de ampliação de um imaginário político-estético, por meio da análise de dois filmes do cineasta Adirley Queirós. Por sua vez, em *Estética do cotidiano no cinema brasileiro dos anos 2010*, Calac Nogueira investiga a emergência do cotidiano no cinema brasileiro dos anos 2010, a partir da análise de quatro filmes – *Avenida Brasília Formosa* (2010), *O céu sobre os ombros* (2010), *A vizinhança do tigre* (2014) e *Baronesa* (2017), abordando indivíduos e contextos sociais para além de marcadores estigmatizantes e do formato da entrevista. Já em *Cinema brasileiro subalterno contemporâneo: violência e subjetividades em Arábia e A vizinhança do tigre*, Caio Olympio Matos da Rocha e Mauricio Matos dos Santos Pereira analisam como os dois filmes citados no título do artigo se desvinculam do apelo da violência dado à periferia na década anterior para tratar das estratégias de vida dos personagens diante da estruturação violenta do poder, identificando uma mudança de olhar sobre a violência na periferia e no presídio quando comparados aos filmes produzidos na Retomada.

Um terceiro bloco de textos, composto por três artigos, traz para a discussão perspectivas sobre a presença de políticas públicas e a descentralização da produção audiovisual a partir da emergência de novos sujeitos de produção. Em *Divisões e confrontos do campo cinematográfico brasileiro em tempos de Ancine (2006-2017)*, Arthur Autran propõe o mapeamento das ações de gestão desempenhadas pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) durante a gestão do diretor-presidente Manoel Rangel, período que registrou o crescimento da produção nacional, bem como aumento na participação de grupos sociais marcados historicamente pela invisibilidade no audiovisual. No texto *Filmes feitos em Goiás: um recorte recente da história audiovisual*, a autora Thais Rodrigues Oliveira propõe uma análise sobre a produção feita no estado de Goiás, entre os anos de 2010 e 2020. Os dados coletados, sobretudo a partir de catálogos de festivais de cinema, mostram como as novas tecnologias e o incentivo de políticas públicas contribuíram para alterar o panorama da produção local. Já Denise Szabo e Nara Lya Cabral Scabin, em *Espaços de formação profissional e ampliação do acesso de novos atores sociais ao campo audiovisual: o caso do Centro de Audiovisual de São Bernardo*



do Campo (CAV), apresentam uma reflexão feita sobre a atuação do referido Centro – uma escola fundada em 2012 para oferecer cursos livres de formação na área de audiovisual no ABC paulista –, buscando compreender, por meio de entrevistas, interseções possíveis entre formação profissional e o papel desempenhado pelo CAV.

Por fim, em *Em busca de uma autoridade: a crítica de cinema e seus imperativos atuais*, Rafael Carvalho examina as transformações da crítica de cinema com o domínio digital e a comunicação online, apontando novas possibilidades para o campo, fazendo um panorama de novos veículos e agentes da crítica de cinema no Brasil que surgiram no período.

Além dos artigos, o dossiê ainda se desmembra em outras três seções: Entrevistas, Traduções e Fora de Quadro. A primeira, *Para uma descolonização da imagem cinematográfica: conversa com Clara Anastácia, Luis Gomes e Gabriela Gaia Mereilles*, se faz num corpo a corpo entre o autor Antoine Nicolas Gonod d'Artemare e três cineastas brasileiros. Nesta entrevista, interroga-se as formas pelas quais a colonialidade-traço da sociedade brasileira permeia também não somente os filmes, mas a própria estrutura do audiovisual no país. *Pinho Sol* (2020), *Linhas* (2022) e *Escasso* (2022) são convocados em conversas em que a imagem é vista como um gesto indissociável entre a composição racial das equipes (na frente e por trás das câmeras) e os territórios capturados pelas lentes dos filmes.

A Seção Traduções é composta por um artigo, *Raiva contra a máquina: armazenamento em buffer, ruído e ansiedade perpétua na era da visualização conectada*, de Neta Alexander, e uma entrevista com a teórica americana Eugenie Binkema, *Nunca levamos a desconstrução suficientemente a sério (sobre afetos, formalismo, e teoria do cinema)*. No primeiro, a professora da Colgate University, investiga a noção de *buffering* (aquele momento de pré-carregamento de dados antes de transmitir um arquivo de vídeo ou áudio), contextualizando-a dentro de uma rica história de ruído espectral e sonoro. Para a autora, um olhar mais atento ao *buffering* nos leva a desafiar nossas ideias de mediação, imersão e controle, forçando-nos a reconhecer imperfeições de uma tecnologia supostamente contínua e utópica. Já a entrevista, realizada pelos pesquisadores Jiří Anger e Tomáš Jirsa em meio ao PAF — Festival de Cinema de Animação e Arte Contemporânea, Olomouc, em dezembro de 2018, foi originalmente publicada em inglês pela revista *luminace*. Nela, Binkema discorre sobre sua abordagem formalista ao terror e outros “gêneros corporais”, fala da dimensão ética da violência e os desafios da análise afetiva para a teoria do cinema, ao mesmo tempo em que oferece uma ampla gama de maneiras inspiradoras de como tornar o pensamento através do cinema em algo esteticamente generativo e conceitualmente enriquecedor.



Por fim, na Seção Fora de Quadro, temos a transcrição de uma mesa-redonda realizada no formato remoto no dia 22 de maio de 2023, com a participação dos quatro editores deste dossiê e os/as seguintes convidados/as: Hernani Heffner, Kênia Freitas, Lúcia Ramos Monteiro e Pedro Butcher. Nela, pudemos destrinchar alguns temas que não apareceram ou foram pouco discutidos nos artigos do dossiê, como os cinemas negros e indígenas, além das novas formas de espetatorialidade com os *streamings*, os desafios do ensino de Cinema perante o cânone e seus tensionamentos, a ascensão conservadora e sua relação com o audiovisual como um todo, e a arqueologia das mídias. Também tratamos de temas já presentes nos textos dos dossiês, como o crescimento dos cinemas de gênero e as características estilísticas de um certo cinema dos anos 2010. Entre os aspectos discutidos, a conversa apontou para o posicionamento, até certo ponto passivo, das chamadas forças progressistas diante da atual produção audiovisual, de cunho conservador e muitas vezes revisionista, e que não estão presentes nas telas de cinema ou sequer circulam em festivais, mas ganham as redes e os *streamings*, imprimindo uma forte comunicação direcionada.

Boa leitura!